

Entrevista a Elcio Loureiro Cornelsen (UFMG)

- 1. Em que medida a reflexão sobre literatura e violência de Estado na Espanha e nos países da América Latina modificou (ou não) seu olhar sobre o Brasil e os anos de ditadura?**

Eu não falaria em modificação. Não creio que ela tenha ocorrido ao estudar a violência de Estado na Espanha, especificamente sobre a Guerra Civil Espanhola e a ditadura franquista. Todos os Estados têm suas especificidades, bem como o modo e os mecanismos que produzem a violência. Mas, sem dúvida, em termos teóricos, os estudos da *Shoah* são aqueles que fornecem maior arcabouço teórico sobre o tema. Todavia, devemos ressaltar também que os estudos na América Latina têm suas especificidades, como, por exemplo, aqueles que se orientam pela teoria do *testimonio*. De um modo geral, os países latino-americanos ainda enfrentam dificuldades quanto ao acesso à documentação gerada por regimes ditatoriais. Os relatos de testemunhos da violência, por assim dizer, procuram suprir essa falta de documentação, fruto de uma política orquestrada de apagamento.

- 2. Que importância têm hoje as pesquisas em torno da memória da violência de Estado na literatura e no cinema da América Latina e da Espanha?**

As pesquisas que versam sobre a memória da violência, em geral, são de suma importância. Notamos que os Estados nas chamadas “pós-ditaduras” têm uma premência em virar a página da história o mais rápido possível, como se esse gesto fosse primordial para um pacto social que não ferisse a estabilidade dos países. No meu modo de entender, sobretudo em relação ao Brasil, isso é um equívoco. Pudemos constatar que, no âmbito dos cinquenta anos do golpe militar no Brasil, mesmo na academia, surgiram aqui e ali discursos que nos levam a desconfiar que, mesmo no seio da academia, faltam vozes críticas sobre o tema. O que falta, nesses casos, é perceber que toda ditadura se fundamenta num ato fundador criminoso. No caso brasileiro, é o golpe militar que veio a destituir uma ordem democraticamente eleita (independentemente de ser boa ou não). O que veio depois, não compete discutir dentro de uma suposta normalidade, pois o ato crimi-

noso fundador da ditadura desautoriza qualquer maquiagem que venha a ser utilizada para sua futura legitimação. Toda ditadura fundamenta-se num ato criminoso.